

Argumentação : um caminho a percorrer entre o oral e o escrito

Cláudia Siqueira (UFMG)

O presente trabalho busca mostrar como uma dinâmica didático-pedagógica baseada na oralidade pode levar à consolidação da competência textual escrita dos alunos, a fim de torná-los sujeitos ativos na interação entre a linguagem oral e escrita. A pesquisa foi realizada com crianças e adolescentes na faixa etária de oito a quatorze anos, que cursavam o ensino fundamental – 5º ao 9º ano – de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. A postura das crianças no exercício da oralidade, através de debates e bate-papos, chamou a minha atenção pelo fato de elas apresentarem muito desembaraço ao expor suas ideias e seus pontos de vista diante de algum tema polêmico. Entretanto, observei, também, que lhes faltava ainda certa organização da informação durante a fala, que evidenciasse consistência nos argumentos e lógica na exposição das ideias, o que gerava muitos conflitos, mal-entendidos e incompreensões, que são aspectos inevitáveis no intercâmbio linguístico. Procurei identificar mais sistematicamente essas dificuldades a fim de encontrar caminhos que pudessem facilitar a exposição de suas opiniões ou, como afirma Koch (1990, PÁGINA 62), “reestabelecer a commonality”. O desenvolvimento deste trabalho teve sua fundamentação teórica baseada em estudos que enfocam a orientação argumentativa do discurso, as operações envolvidas, o ensino/aprendizagem deste tipo de discurso, as unidades e expressões linguísticas que abordam questões essenciais sobre o discurso argumentativo. Procurei eleger, como base para a interpretação e compreensão do discurso argumentativo, os princípios de Ducrot (1987), que postulam que a argumentatividade permeia toda a utilização da linguagem humana, sendo esta atividade estruturante de todo discurso, ao mesmo tempo em que considera o ato de argumentar como o ato linguístico fundamental. A partir da observação de como se dá a organização da informação na fala argumentativa espontânea das crianças e adolescentes – através de uma metodologia que contemplou discussões orais e a dinâmica do júri-simulado, precedidos de leitura e análise de textos de opinião – pude verificar que o exercício dessas atividades orais garantiu muito mais a competência dos alunos, do que simplesmente proporcionar-lhes o contato e a análise de textos escritos do mesmo gênero. A ideia de promover uma dinâmica didático-pedagógica para que ocorresse a organização da fala espontânea surgiu como uma possibilidade eficaz para a produção de textos de opinião que apresentassem marcas próprias deste gênero, além do uso de estratégias argumentativas que favorecessem o enriquecimento da argumentação.

Segundo Marcuschi (1994, PÁGINA 34)), “observar as crianças com uma tarefa especificamente definida, a distinguir o que está sendo dito (meaning) do modo como está sendo dito (saying), é uma etapa decisiva para o desenvolvimento das capacidades metalinguísticas das crianças.” Segundo esse autor, as crianças que adquirem a distinção entre mean e say, na faixa de quatro a cinco anos, mais tarde, aproximadamente aos 10 anos, apresentam-se melhores leitoras que outras. Mas esta capacidade de reproduzir the exact wording não pode exercer-se sobre a linguagem espontânea. É preciso criar situações para que o uso da língua falada tenha estabilidade e certa legitimidade. É imprescindível que os alunos entendam o funcionamento dos mecanismos de

persuasão para que consigam, gradativamente, desenvolver um senso crítico que lhes permita participar de qualquer situação em que haja confronto de ideias. Isso é que motivou a proposta de se promover uma situação onde ocorresse uma fala artificial para organizar a fala espontânea. Os resultados da pesquisa empreendida apontaram para uma maior habilidade dos alunos na produção escrita de textos argumentativos, desde que expostos a modelos de situações de oralidade que favorecessem esse tipo textual – através da discussão de temas instigantes e polêmicos adequados à faixa etária dos mesmos – e que exigissem deles argumentar. Os textos resultantes do trabalho com a oralidade foram marcados pela presença de operadores argumentativos (modalizadores e organizadores textuais) na organização informacional propriamente dita dos enunciados. Verifiquei, através destas marcas, como se determinou a orientação argumentativa dos textos, isto é, como se “organizavam” as informações ali apresentadas com base nos postulados da argumentatividade.

Para que se conseguisse chegar a tais resultados, o trabalho didático baseado na oralidade – o jogo de simulação, no caso, o ritual de um júri-simulado – foi fator determinante para que os alunos produzissem textos de opinião de boa qualidade. Essa estratégia didática apresentou-se, assim, realmente eficaz, confirmando os postulados sociointeracionistas, que preveem o desenvolvimento e o refinamento da competência argumentativa dos alunos, seja na oralidade, seja na escrita.

#### Referências

#### Bibliográficas:

- DUCROT, Oswald. Dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987a.
- DUCROT, Oswald. Provar e dizer. [S.l.]: Global, 1981.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1989.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez, [s.d.].
- KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.